

**DOCÊNCIA E EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA NA EDUCAÇÃO
SUPERIOR: cenários e
desafios**

**TEACHING AND DISTANCE
EDUCATION IN HIGHER
EDUCATION: scenarios and
challenges**

*Maria Ivoneide de Lima Brito (Ma.)**
*Margô Gomes de Oliveira Karnikowski (Dra.)***
*Zaira Nascimento de Oliveira (Dra.)****



Imperatriz (MA), v. 3, n. 4, p. 17-28, jan./jun. 2021
ISSN 2675-0805

Recebido em: 21 de setembro de 2020
Aprovado em: 18 de junho de 2021

RESUMO

O presente artigo aborda o desafio de ser professor, especificando alguns dos saberes imprescindíveis a uma prática educativa eficaz, bem como defende a necessidade de valorização da formação continuada, consubstanciada em um olhar consciente quanto aos problemas enfrentados pela implementação da Educação a Distância no Brasil, ao focar as diferentes abordagens pedagógicas utilizadas, com vistas a que esse profissional repense sua prática e procure recriar sua ação pedagógica com ética e estética, estabelecendo uma pedagogia fundamentada na inclusão, no respeito à autonomia e à dignidade do educando, visto que o docente resplandece como um espelho para seu discente.

Palavras-chave: Educação a Distância. Informação x Conhecimento. Formação continuada. Professor.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde da Faculdade de Ceilândia (UnB/FCE). Mestra em Educação pela Universidade de Brasília (2013). E-mail: mivoneide@unb.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8105-0784>.

** Graduada em Farmácia pela Universidade Federal de Santa Maria (1990), mestrado em Ciência e Tecnologia Farmacêuticas pela Universidade Federal de Santa Maria (1996) e doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Patologia Molecular da Universidade de Brasília (2001). Atualmente é Professora Associada do curso de Farmácia da Universidade de Brasília e orientadora de Mestrado/Doutorado no Programa de Pós-graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde da UnB. E-mail: margo@unb.br; ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5662-2058>.

*** Graduada em Pedagogia com habilitação em Administração Escolar e Matérias pedagógicas pela Universidade Cruzeiro do Sul (1998), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás (2002). E-mail: zaira@mail.uft.edu.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4701-5245>

ABSTRACT

The treadmill article seeks to address the challenge of being a teacher, specifying some of the essential knowledge for effective educational practice, as well as the need for it to value continuing education, embodied in a conscious look at the problems faced by the implementation of Education a Distance in Brazil, with a focus on the different pedagogical approaches used, with a view to this professional rethink his practice and try to recreate his pedagogical action with ethics and aesthetics, establishing a pedagogy based on inclusion, respecting the autonomy and dignity of the student, seen that the teacher shines like a mirror for his student.

Keywords: Distance education. Information x Knowledge. Ongoing training. Teacher.

1 Introdução

Na atual conjuntura educacional, em tempos de isolamento social, um dos maiores desafios é o de ser professor, tendo em vista que este deve assumir a função de orientador e educador, comprometido com a arte de ensinar e, sobremaneira, de resgatar a autonomia intelectual e o pluralismo de ideias dos educandos. Nesse contexto, surge o denominado “ensino remoto”, que se aproxima da Educação a Distância (EaD), porém não utiliza os mesmos recursos de tecnologias digitais e prática. Segundo Arruda (2020), o ensino remoto envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas para aulas previamente elaboradas no formato presencial, que podem ser combinadas para momentos híbridos (síncronos e assíncronos), em situações que possam atender a demandas do quadro atual nas escolas e, no caso em discussão, da educação superior, coerentes com as suas condições de oferta.

As barreiras da adversidade são inúmeras e vão desde condições objetivas de falta de acesso às tecnologias digitais e à internet de qualidade (tanto para o docente quanto para o discente) até a ausência de formação continuada e de experiência na integração das tecnologias às práticas didáticas, incluindo, ainda, o enfrentamento das dificuldades inerentes à profissão, como a adaptação à dinâmica do ensino remoto, entre outros múltiplos fatores.

De acordo com o Decreto n.º 9.057, de 2017, considera-se Educação a Distância

[...] a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos (BRASIL, 2017).

Considerando a definição acima, atualmente, profissionais do campo da educação superior são desafiados a atuarem em cursos que, originalmente, não são da modalidade EaD, mas que, pelo contexto vigente, carecem de formato remoto.

Assim, esses educadores trabalham suas disciplinas utilizando-se de elementos didático-metodológicos da EaD simultaneamente a estratégias no campo da educação on-line – ou seja, encontros presenciais conectados (EPC), como diria Arruda (2020) – além de fornecerem orientações de estudos remotos. Ao atuarem como docente na sua área de formação, utilizam as mesmas estratégias de ensino no seu campo conceitual, porém integram-nas às metodologias ativas e às tecnologias digitais indispensáveis para o ensino remoto.

Nessa seara, destaca-se que o ministério do ensino sempre foi importante no decorrer da história, em particular na atual sociedade; por esse motivo, o docente, para ser mais eficiente, deve reconhecer o valor de sua tarefa, preparar-se com amplitude, esforçar-se, dominar o tema a ser ensinado e compreender a razão de ser da instrução: o aluno. Deve, ainda, entender o processo de aprendizagem, dominar o manuseio de certa variedade de métodos e técnicas de ensino, planejar bem suas atividades e aulas e lecionar com engajamento e dedicação, demonstrando empatia e solidariedade, de forma a ser fonte de inspiração para seus discentes.

2 Saberes imprescindíveis à formação do educador

Nesse contexto, Freire (2018), um exímio educador brasileiro, um pensador comprometido com a vida, com o método, com a prática da liberdade e, por conseguinte, com o biografar-se, com o existir-se e com o historicizar-se do discente e, ainda, do próprio docente, notifica que, para que haja uma educação de qualidade, na qual estejam cultivados os vários saberes imprescindíveis à prática educativa transformadora, são obrigatórios ao educador os seguintes atributos e/ou atitudes (FREIRE, 2018):

- a) estabelecer uma pedagogia fundada na inclusão, no respeito à autonomia e à dignidade do educando, visto que o docente resplandece como um espelho para seu discente;
- b) ter consciência entre o saber-fazer e o saber-ser-pedagógico, ou seja, estar cômico de que formar é muito mais do que puramente treinar o aluno no desempenho de destrezas; é permitir-lhe a construção de uma cidadania plena;
- c) ter formação científica, comprometimento com a pesquisa, já que não há ensino sem pesquisa nem pesquisa sem ensino, pois é oportuno que o educador obtenha conhecimentos precisos sobre a aquisição da linguagem, bem como sobre métodos e técnicas de ensino da leitura e da escrita, consubstanciados em uma leitura de mundo que respeite o outro, entre outros múltiplos conhecimentos. Essa formação também inclui correção ética, respeito à diferença e à diversidade, a partir da alteridade e da escuta sensível, coerência, capacidade de viver e de aprender com o diferente, não permitindo que as diferenças sejam justificativas para uma educação de pior qualidade, ou seja, o educador deverá rejeitar qualquer forma de discriminação;

- d) executar reflexão crítica (criticidade) sobre a da teoria/prática, visto que “quem forma se forma e re-forma” ao formar, ou seja, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender, de forma consciente. Nesse cenário, Freire (2018) chama a conscientização de compromisso histórico; isso implica o nosso compromisso com o mundo e, portanto, conosco enquanto sujeitos que fazem e refazem o mundo e assim sua própria história. Nesse instante, a conscientização não se encontra mais somente na relação consciência/mundo, mas transcende, convidando-nos a assumir uma posição utópica e propositiva frente ao mundo;
- e) saber que não apenas estamos no mundo, mas com o mundo e pelo mundo; da mesma forma, que somos seres condicionados e não determinados, e que, portanto, nossa possibilidade de transformar a realidade que nos oprime e nos explora é a mesma possibilidade dialética que rege a história humana e nos permite produzir novas formas de viver em sociedade. Saber que sonhar o sonho coletivo, que é um sonho acordado, real, passa pelo desejo de uma forma justa, fraterna e humana de viver em sociedade. Este é o primeiro passo para a transformação social: saber que a utopia é possível.

Ao dialogar com o olhar de Freire (2018), Morin (2014) indica ações relevantes a essa construção: reconhecer a importância do conhecimento e sua pertinência; ansiar por um diálogo constante e edificar uma identidade terrena – ou seja, o homem necessita identificar-se homem, enquanto ser social e biológico, que se relaciona com o outro, ancorado na alteridade, na antropológica, na empatia para o enfrentamento da incerteza, tão viva nessa modernidade líquida (Bauman, 2001).

Salienta-se que, nesse diálogo, tanto Freire (2018) quanto Morin (2014) ressaltam os saberes necessários, porém com olhares diferentes acerca do mesmo objeto, que é a aprendizagem: este autor parte do coletivo até chegar ao sujeito, sob a ótica da estrutura da escola; aquele, do sujeito até abarcar o coletivo, mediante uma visão conscientizadora.

Por isso, é mister que a formação do educador se paute em uma educação conscientizadora, que rompa com a ideologia de uma sociedade neoliberal, apresentando-se como uma formação democrática em que formadores e formandos estejam em constante dialogismo. Portanto, faz-se necessário que ela contribua para a constituição de sujeitos autônomos e críticos sobre sua prática e espaço de atuação.

É assim que a educação, sem a qual a transformação não ocorre, quando voltada diretamente para uma prática da liberdade, inclui nesse processo necessariamente o desenvolvimento de uma consciência crítica em relação à liberdade que condiciona as pessoas socialmente. Nesse sentido, a concepção de uma consciência crítica em conjunto com grupos é a condição fundamental para a transformação, ou seja, a base para a produção de uma nova organização social em que não se neguem aos seres humanos a sua razão de existir, a busca contínua do vir a ser ou a busca do ser mais.

Para Freire (2018), conscientização é tomar posse da realidade; por essa razão, e por causa da radicação utópica que a informa, é um afastamento da realidade. A conscientização produz a desmitologização. Quando conscientizado, o ser se torna capaz de anunciar, denunciar, refletir e tomar atitudes que gerem transformação e não somente mudança.

É preciso compreender que ensinar exige rigorosidade metódica, mediante o ato de reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão e seu anseio pelo novo e que isso sempre requer respeito à sua leitura de mundo, estimulando-o a perguntar e a refletir sobre essa pergunta e sua posterior resposta, conjecturando, comparando, enfim, apreendendo e aprendendo.

Da mesma forma, é também necessário entender que ensinar exige estética, a qual toma forma mediante o próprio exemplo do professor – por intermédio de suas atitudes e pensamentos –, o que, para o discente, funciona como um espelho. Isso se dá por meio da execução de uma ação docente que, segundo Rios (2003), abranja a dimensão técnica, política, estética e moral, visando à competência, a uma práxis criadora.

Ao docente é necessário, ainda, executar uma tarefa oportuna: a prática-crítica do ensino, o que permite ao aprendente assumir-se enquanto ser social e histórico, pensante, comunicante, transformador, criador de sua própria realidade e da do outro.

O bom mestre necessita compreender também que o processo educativo está inacabado, pois se trata da construção contínua do ser humano e de sua eterna busca e, nesse contexto, deverá agir sempre com bom senso, humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educandos, conhecendo as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática e da ação pedagógica, mediante uma práxis libertadora e de qualidade.

O professor altero e bem-sucedido carece ser dedicado, competente, generoso e ter esperança de que a construção do aprender é possível, bem como acreditar que esse aprender poder trazer transformações duradouras e efetivas que intervêm na realidade e geram novos saberes.

Para que o ensino se torne eficaz, é cabível que o docente tenha uma escuta sensível para com o discente, a fim de que, mediante esse escutar, construa-se um diálogo que possa contribuir para que o educando assuma o papel de sujeito da produção de sua inteligência do mundo. Nessa direção, os homens e mulheres, ao refletirem sobre sua prática (sobre seu trabalho cotidiano) e ao atuarem sobre ela para transformá-la, necessitam comunicar-se, pôr-se de acordo entre si, estar dispostos a escutar outras opiniões, a constatar se o que estão fazendo é realmente positivo, a aceitar que ninguém tem a verdade absoluta – aceitar, inclusive, que talvez estejam equivocados. É atuar e pensar como sujeitos e permitir que as outras pessoas que nos rodeiam também sejam sujeitos críticos. Essa ação é chamada por Freire (2018) de diálogo, o qual só é possível na educação libertadora (problematizadora). A posição contrária é o antidiálogo (proveniente da educação bancária). Tudo isso ocorrendo no espaço da escola e para além dela.

Trata-se de uma escola diferente, embasada em círculos de cultura, espaço onde se discutem os problemas que rodeiam os educandos e o educador. Aqui não pode existir o professor tradicional ("bancário") que tudo sabe, nem o aluno que nada sabe. Tampouco podem existir as lições tradicionais que só vão exercitar a memória dos estudantes. O círculo de cultura é um lugar – junto a uma árvore, na sala de uma casa, numa fábrica, mas também na escola – onde um grupo de pessoas se reúne para discutir sobre sua prática: seu trabalho, a realidade local e nacional, sua vida familiar etc. Nesse espaço, os grupos que se reúnem aprendem a ler e a escrever ao mesmo tempo em que aprendem a "ler" (analisar e atuar) sua prática. Os círculos de cultura são unidades de ensino que substituem a escola tradicional de ressonâncias infantis ou desagradáveis para pessoas adultas.

O ensinar exige querer bem ao educando, através da afetividade, dedicação, entusiasmo e alteridade, pois a missão de ensinar envolve não apenas a mente, o intelecto, mas também o coração. Se o coração do professor estiver envolvido, ele certamente levará a cabo o seu trabalho como missão e os alunos sentirão isso e reagirão favoravelmente.

É mister que o educador tenha em mente os seguintes questionamentos que lhe são imprescindíveis: a) por que eu ensino? b) o que ensinarei? e c) como ensinarei?

Por que eu ensino? A motivação do docente está diretamente associada ao seu comportamento perante os discentes, ao modo como prepara suas lições, ao seu relacionamento com os colegas, à fidelidade de sua missão e ao êxito que possa ter no exercício de seu ministério, a uma função social inerente ao papel do educador e, de forma mais profunda, da própria educação.

O que ensinarei? O ensinante deverá estar familiarizado com a história, a geografia, o contexto social do conteúdo a ser ensinado, ter domínio dele e, mais que isso, deve ter a premissa de contribuir para todo o processo de desenvolvimento cultural, social, político e econômico, com um olhar antropológico (MORIN, 2014) e a necessidade de se pensar coletivamente.

Como ensinarei? O preparo minucioso da lição e a postura ou papel que o professor assume perante os alunos são extremamente relevantes, buscando um espaço para o experienciar de novos conceitos e dimensões da cidadania.

Por conseguinte, o educador deverá questionar-se: para quem ensinarei? Ou seja, é mister abarcar a ideia de que, na atual sociedade do cansaço (HAN, 2020), o sujeito que a compõe é histórico e multifacetado. O docente deverá conhecer o perfil de seu alunado, já que alvos certos guiarão o professor no seu ensino e no seu relacionamento com o educando e permitirão àquele o aperfeiçoamento de suas práticas.

Ser empático e fomentar a alteridade é outra qualidade necessária ao ensinante de sucesso, pois, colocando-se no lugar do outro, sentindo como o outro, é possível visualizar suas dificuldades, carências e anseios enquanto discente e sujeito social do mundo. Nesse contexto, o mestre deverá ensinar de modo paciente e deliberado, conquistando-lhe a atenção, estabelecendo pontos de contato, encorajando o aluno a participar das aulas, entre outras possibilidades e ações.

O professor deverá executar um trabalho com vistas a construir a felicitadania (RIOS, 2006) na ação docente, ou seja, criar, no cotidiano da relação

pedagógica e de cidadania plena, o espaço para a felicidade e a alegria, uma vida feliz, que tenha como referência o bem coletivo, o que acarreta o reconhecimento do outro, a alteridade e uma convivência salutar, a partir da relação com o outro.

O educador deverá estar aberto ao contorno geográfico, social e econômico de si e do educando, como, por exemplo: a demanda vigente do mercado de trabalho; os novos desafios vindouros da globalização; as mudanças no vetor educação, como elevada demanda de cursos superiores que existem no Brasil, bem como a implementação dos recursos tecnológicos junto à educação.

3 EaD na educação superior

A Educação a Distância assume papel ainda mais relevante em decorrência da pandemia da COVID 19 e suas nuances, que envolveram milhares de acometidos e muitas mortes no mundo todo, levando à necessidade do isolamento social, uma das medidas preventivas mais importantes.

Assim, atualmente, uma das soluções encontradas para suprir a grande demanda por cursos superiores no Brasil é a implementação da Educação a Distância (EaD), inclusive com destacada taxa de crescimento no âmbito desse campo de ensino nos últimos anos. Porém, uma grande preocupação dos educadores com essa modalidade de ensino (para além da pandemia, mas, também, a partir dela) é a questão pedagógica, pois muito se tem privilegiado os recursos tecnológicos digitais e os materiais impressos e audiovisuais e, de algum modo, pouco interesse se tem notado no que concerne à discussão pedagógica (VALENTE, 2003). Vale ainda ressaltar, nesse âmbito pedagógico, a diferença entre transmissão de informação e construção do conhecimento.

Nesse sentido, privilegiando uma educação baseada no conhecimento, Valente (2003, p. 139) afirma ser “[...] ilusório, para não dizer enganoso, esperar que uma atividade educacional que privilegie a transmissão de informação tenha como produto a construção de conhecimento”. No caso específico do Ensino a Distância on-line, essa distinção ganha força, uma vez que a interação professor-aluno – uma interação intermediada por uma tecnologia – é de suma importância para criar condições de construção de conhecimento, e não apenas para transmitir informações. Portanto, é de fundamental relevância estabelecer uma abordagem pedagógica adequada para se alcançarem os resultados desejados, no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem, por intermédio do uso de ferramentas tecnológicas.

Para entender o que é Ensino a Distância, é fundamental distinguir conhecimento x informação e ensinar x aprender. Isto é, diferenciar esses conceitos para que a Educação a Distância tenha validade como mecanismo de ensino e alcance os seus objetivos.

Diversos autores definem informação como uma organização do dado de acordo com certos padrões significativos (DAVIS; BOTKIN, 1994 apud VALENTE, 2003). Quer dizer, a partir do momento em que as pessoas passam informações entre si, o dado deixa de ser “uma coisa sem significado” para adquirir valor significativo. E, quando essa informação sofre um processo de

compreensão e interpretação, passa a ser o conhecimento, que é de cada um, impossível de ser transmitido, conforme Valente (2003).

O ensino é entendido como “colocar signos”, isto é, depositar informações – o equivalente à educação bancária que Paulo Freire refuta. O conceito de aprender abarca a construção de novos conhecimentos por parte do indivíduo e sua interação, e não apenas ser um depositário de informações.

Em consonância com Valente (2003), há abordagens na EaD que precisam ser consideradas: a broadcast, a virtualização da escola tradicional e o estar junto virtual.

Desta feita, na Educação a Distância, a definição das abordagens nomeadas a partir desses vocábulos ajuda a escolher a metodologia adequada para essa versão virtual de ensino/aprendizagem. O professor cômico, que visa a uma educação de qualidade, carece estar “atenado” nessa modalidade de ensino, quer o alfabetizador de séries iniciais, quer os doutores das universidades, pois ser um bom mestre implica estar preparado para os desafios de sua profissão e do universo que o cerca. É bem verdade que essa premissa norteia uma outra proposição importante: a necessidade da formação continuada do docente, colocando-o na condição de eterno aprendiz.

Broadcast

Conforme Valente (2003):

Esta abordagem de EaD consiste na organização da informação de acordo com uma determinada ordem, enviada ao aluno com a utilização de meios tecnológicos, como, por exemplo, material impresso, rádio, televisão ou recursos digitais, como cd-rom e a internet (p. 141).

É uma abordagem que não leva em consideração a relação professor-aluno, não averigua a compreensão do aluno no que tange ao conteúdo; no entanto, ela consegue atingir um número expressivo de pessoas, em razão de sua capacidade de transmissão pelas mais diversas mídias, a exemplo, a live streaming, que é a transmissão de dados ao vivo por intermédio de rede de computadores ou da internet.

Virtualização da escola tradicional

Nesta abordagem, observamos a relação professor-aluno, porém é uma relação com pouca significação, ou seja, ainda nos moldes da escola tradicional, na qual o professor avalia o conhecimento do aluno por meio de testes, para certificar-se do acúmulo de informações adquiridas. Sendo assim, segue o paradigma da escola tradicional adotando, contudo, os meios tecnológicos.

O estar junto virtual

Esta abordagem, dentre as explicitadas, é a que apresenta melhores resultados, pois observa a relação professor-aluno. Há uma constante troca de conhecimento em que “o estar junto” é importante para a eficiência da educação. O aluno, durante o processo de aprendizagem, tem o apoio do professor, a partir de situações-problema a serem resolvidas. A internet auxilia no processo e na relação professor-aluno. É uma abordagem educacional que provoca mudanças e reflexões, pois engloba tecnologia, conhecimento e recursos educacionais, sem perder o valor e a eficiência educacional.

4 Reflexões atinentes às abordagens

Sem dúvida, a depender do tipo da interação professor-aluno, a abordagem pedagógica será diferente. Valente (2003) propõe três tipos de abordagens, identificando suas vantagens e desvantagens. Assim, numa sociedade que projeta cada vez mais indivíduos criativos, capazes de formular e reformular ideias e de criar conceitos, a abordagem estar junto virtual ganha espaço, já que objetiva a atribuição de significados, o processamento de informação, ou seja, a construção do conhecimento (MALTEMPI, 2003). Já com relação à abordagem broadcast (entrega de informação), Moran (2003) sugere que ela deve ser complementada por outras formas de mediação pedagógica ou ferramentas de comunicação e acredita ser esse um caminho promissor para a Educação a Distância.

Como não há uma pedagogia única para a EaD, procura-se a melhor forma de alcançar bons resultados, buscando uma abordagem que se adeque a cada necessidade. Assim, “se o objetivo é passar informação estruturada aos alunos, as abordagens broadcast e virtualização da escola tradicional devem ser empregadas. Contudo, se o objetivo é favorecer a construção de conhecimento pelo aluno, deve-se optar pela abordagem estar junto virtual.” (MALTEMPI, 2003, p. 146).

Cabe ao educador, no processo ensino-aprendizagem, definir a melhor abordagem para atingir o objetivo esperado ou mesmo mesclar características das diferentes abordagens, sempre em busca de promover a construção do conhecimento.

5 O aprender na Educação a Distância

Aprender é algo indispensável para o nosso sistema de interações e relações interpessoais, pois é mediante a aprendizagem que se possibilita a adaptação no mundo. No caso da Educação a Distância, o aprender tem uma série de implicações, visto que os desafios, para o sucesso do educando que participa desse módulo pedagógico, são maiores.

Dentre os fatores que contribuem para o sucesso desse discente, destacam-se:

- o grau de suporte recebido na família e no trabalho;
- a relevância do conteúdo do curso para interesses pessoais e profissionais;
- a quantidade/natureza das interações com instrutores e os outros estudantes; e
- a quantidade e natureza do feedback recebido ao longo do curso.

Na prática, esse aluno deverá ser gestor da sua aprendizagem, o que implica envolvimento, interesse e motivação, já que a Educação a Distância requer do discente planejamento e organização da sua aprendizagem, estudo continuado, disciplina, disponibilidade de tempo, ambiente adequado e domínio dos mecanismos sob os quais esse processo educativo funciona e, sobretudo, empenho e dedicação.

Nesse contexto, emerge a necessidade de que seja oferecido a esse aprendiz material didático eficiente, eficaz e atrativo que consiga fornecer o suporte técnico necessário para a aquisição dos saberes propostos no processo e, por sua vez, que consiga prender sua atenção e interesse o que, certamente, é uma das grandes dificuldades e desafios da Educação a Distância.

No que tange aos pontos nevrálgicos que não contribuem para o sucesso discente, destacam-se:

- docente sem equipamentos adequados e sem internet de boa qualidade, ao realizar as aulas a partir de suas residências;
- professores sem formação e experiência em integração de tecnologias às práticas didáticas, o que eclode na mera transposição da aula presencial para a aula virtual, acrescido, ainda, do desconhecimento dos fundamentos da educação on-line;
- alunos sem acesso a computadores e à internet de qualidade, o que proporciona a desigualdade de acesso;
- discentes com dificuldades de adaptação ao estudo em casa a partir da inserção das novas tecnologias, acrescida da falta de espaço físico, do sentimento de solidão, em razão da ausência de convivência social tão peculiar ao espaço escolar;
- metodologias de aulas em formato de web conferência em excesso, o mesmo ocorrendo em relação às atividades avaliativas;
- pais sobrecarregados com as atividades do lar, do trabalho e da própria escola, vivenciando também suas limitações e dificuldades de ação.

6 O educador e a formação continuada

A questão da competência da atuação docente em sala de aula tem sido objeto de várias propostas de programas de formação continuada que enfatizam a aquisição de conteúdos, as habilidades, as competências e as reflexões sobre a prática pedagógica na relação professor-aluno.

Para que ocorra a aprendizagem escolar, é necessária a mediação de professores com boa cultura geral e domínio dos conhecimentos e que possam, ainda, ensinar e fazer uso dos mais diversos meios e tecnologias com eficácia, ou

seja, o mercado de trabalho requer um multiespecialista, o que, certamente, enseja em formação sólida e contínua, em particular em função da era da informação tecnológica em que se vive. Além disso, a relação entre a teoria e a prática resulta na necessidade de constante aperfeiçoamento e, por conseguinte, na elaboração e execução de pesquisas, ou seja, a competência profissional do professor está diretamente relacionada com o seu comprometimento com os estudos e a consciência de que estará na constante condição de eterno aprendiz.

Há que se registrar também que formação continuada não envolve tão somente o desejo e a postura do professor em fazê-la. É mister que se tenha uma estrutura social que contemple políticas públicas educacionais de qualidade, que viabilize a formação continuada e, por conseguinte, uma educação de qualidade.

7 Considerações finais

Entre o que se pensa a respeito e o que efetivamente está sendo feito pela EaD ainda constitui uma distância muito grande, principalmente no que contempla as questões pedagógicas. Geralmente, o ensino se apoia apenas em dois pilares: aprender a conhecer (aprender) (DELORS, 2003) e, em menor escala, no aprender a fazer. Outrossim, o desafio de aprender a conhecer ainda é marcado como um ponto nevrálgico a ser promovido frente à Educação a Distância, posto que existem muitos entraves a serem superados, os quais vão desde a mudança de cultura do aluno com relação ao aprender por meios não tradicionais até a formação dos docentes que servirão de intermediadores nesse processo. Independentemente do método ou dos meios de se educar a distância, faz-se necessária uma revisão dos processos pedagógicos e de sua adaptação aos diferentes propósitos educacionais, de maneira a suprir as necessidades dos alunos e professores e a fomentar o papel da educação.

Faz-se mister, ainda, reconhecer que os aspectos comunicacionais e os meios tecnológicos são cruciais para a implementação da EaD, porém é cabível destacar, que, tão importante quanto esses, delineia-se o aspecto pedagógico, que deve ser minuciosamente contemplado.

O exercício da docência, antes de qualquer coisa, é um ato de amor, no qual o professor, para ser eficiente e eficaz, deve reconhecer a importância da sua tarefa, preparar-se com amplitude, esforçar-se, compreender o processo de aprendizagem, planejar bem suas aulas, lecionar com o coração, visto que, no passado, o número de alunos que passaram pelas aulas e escolas e saíram sem sofrer uma transformação é imenso, pois não eram vistos e considerados como sujeitos agentes, ou seja, o docente deve visualizar o aluno como a razão de seu plano, de seu projeto educacional.

À medida que os atuais professores fazem uma autocrítica e aprendem as lições do passado, organizam-se para alterar o padrão do futuro, sobretudo no que se refere à relação entre discentes e docentes, às formas de comunicação, aos aspectos afetivos e emocionais e à dinâmica das manifestações do trabalho pedagógico, entre outras questões que permeiam o referido tema, como a Educação a Distância e a formação continuada. O professor de sucesso, certamente, marca-se como um educador interativo e “antenado”.

Por fim, a boa qualidade do ensino revela-se também no prazer com o qual o educador desenvolve suas atribuições e mediante a sua capacidade de entender a leitura de mundo do educando, com a perspectiva de que a construção desse processo é de responsabilidade de todos, tal qual a educação escolar é uma política pública endereçada à constituição da cidadania.

As diferentes abordagens apresentadas buscam, antes de mais nada, contribuir de maneira positiva para o processo ensino-aprendizagem, bastando apenas discernimento por parte das instituições e dos educadores para saber utilizá-las com flexibilidade, adaptando-as a seus propósitos.

É importante ressaltar que a Educação a Distância tem se mostrado como uma solução importante para os problemas educacionais no Brasil, criando oportunidades para que mais pessoas tenham acesso à educação superior.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto n. 9057, de 25 de maio de 2017**. Regulamenta o art. 8º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9057.htm. Acesso em: 1 fev. 2021.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 56. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

MALTEMPI, Marcus Vinicius. Educação a distância... **Interface (Botucatu)**, São Paulo, v. 7, n. 12, p. 139-48, fev. 2003.

MORAN, José Manuel. Contribuições para uma pedagogia da educação a distância no ensino superior. **Interface (Botucatu)**, São Paulo, v. 7, n. 12, p. 7-8, fev. 2003.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. In: BRASIL. **Educação e sociedade**. Brasília: MEC, 2014.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e Ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2006.

VALENTE, J. A. Educação a distância no ensino superior: soluções e flexibilizações. **Interface (Botucatu)**, São Paulo, v. 7, n. 12, p. 139-142, fev. 2003.

VALENTE, J. A. Réplica: os desafios da implantação da EAD. **Interface (Botucatu)**, São Paulo, v. 7, n. 12, p. 147-147, fev. 2003.